

# CLARICE E ESPINOSA: BATIDAS (DES)ORDENADAS ENTRE DOIS CORAÇÕES

Luís César Oliva  
Henrique Piccinato Xavier

## Resumo:

É sabido que Clarice Lispector estudou a obra de Espinosa durante a escrita de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943). Nosso ensaio procura mostrar como essa obra, ao tratar de temas que vão de Deus à sexualidade, porta a interpretação pessoal de Lispector de conceitos centrais do filósofo e como tais conceitos possuem função estrutural na trama do livro. Ademais, buscaremos, por meio do cotejo entre a obra literária e a *Ética* (1677) de Espinosa, mostrar como a interpretação da escritora não se reduz às passagens onde o nome e as ideias do filósofo são ponderadas no romance, mas se expressa, principalmente, nas inquietações da protagonista em seu fluxo de consciência, que se espalha por todo o livro.

**Palavras chave:** afetos, imaginação, razão, Deus-Substância, Natureza, bem, mal, culpa, corpo e mente, eternidade, alegria.

## Clarice and Spinoza: (a)synchrony of hearts

### Abstract:

Clarice Lispector is known to have carefully studied Espinosa's work while writing her first novel, *Near the Wild Heart* (1943). Our essay aims to show how this work, when dealing with themes that range from God to sexuality, bears Lispector's personal interpretation of central concepts of his philosophy, as well as how such concepts have a structural function in the book. In addition, we seek, through a comparison between the literary work and Espinosa's *Ethics* (1677), to show how the writer's interpretation is not limited to the passages where the philosopher's name and ideas are discussed in the novel, but is above all expressed in the restlessness of the protagonist's stream of consciousness, which pervades the book.

**Key Words:** emotions, imagination, reason, God-Substance, Nature, good, evil, guilt, body, mind, eternity, joy.

No escuro das pupilas, os pensamentos  
alinhados em forma geométrica.

*Perto do coração selvagem*

Quem tem um Corpo apto a muitíssimas coisas, tem uma Mente cuja maior parte é eterna.

*Ética*

No exato momento em que ia passar o livro de Espinosa, a sua mão estendida recua e ele toma o volume de volta. No topo de seu projeto de livro sobre direito ele pensa em colocar a frase: “Os corpos se distinguem uns dos outros em relação ao movimento e ao repouso, à velocidade e à lentidão e não em relação à substância”, uma citação da *Ética* de Espinosa. Ele pensou em mostrar a frase à sua mulher. Por quê? Encolheu os ombros, sem procurar mais fundo a explicação. Ela se mostrara curiosa, quisera ler o livro, mas ele decide que é melhor não. Porém, nota uma folha de caderno intercalada entre as páginas do livro. Olha-a e descobre a letra de sua esposa, com avidez lê a anotação na incerta caligrafia: *A beleza das palavras: natureza abstrata de Deus. É como ouvir Bach.*<sup>1</sup>

Estamos a meio caminho no romance *Perto do coração selvagem*, no capítulo “A pequena família”, a curiosa esposa que lê o livro às escondidas é Joana, a personagem central do romance. Em outro capítulo, intitulado “O banho”, Joana, ainda criança, rouba um livro para o horror da Tia; o que acaba, na fé e moral cristãs da senhora, redundando em considerar a pequenina uma “víbora”, para logo enviá-la a um internato. Aqui temos outro roubo de livro, este discreto, pois o livro é devolvido, mas a anotação de Joana pega o marido, Otávio, tão desprevenido quanto a Tia. Não se sabe que livro Joana roubou na infância, mas agora, certamente, foi a *Ética* de Espinosa, o que traz mudanças igualmente drásticas à vida das personagens e do romance.

---

<sup>1</sup> Clarice Lispector. *Perto do coração selvagem*, Rio de Janeiro, Rocco, 1998, 124. Nas notas de rodapé para designar o romance usaremos PCS.

*Perto do Coração Selvagem* é o primeiro romance de Clarice Lispector, a qual sempre permeou seus livros com especulações subjetivas e mesmo filosóficas, frequentemente concentrando suas obras nas inquietações metafísicas de suas personagens, em tramas que se desenvolvem por meio de fluxos de consciência, em aventuras que muitas vezes se dão em ideias e sensações. Há estudos consagrados sobre a presença filosófica de Heidegger<sup>2</sup> e Merleau-Ponty<sup>3</sup> na obra de Clarice. Porém, bem menos estudada é a presença de Espinosa<sup>4</sup>, por isso nossa intenção é mostrar que o diálogo com Espinosa presente em *Perto do Coração Selvagem* não é de menor importância, nem se reduz às longas citações explícitas feita por meio da personagem de Otávio, mas se expressa, principalmente, nas próprias inquietações da protagonista Joana em diversos trechos fundamentais da obra.

Como destaca a recente biografia da autora feita por Benjamin Moser<sup>5</sup>, Clarice possuía uma coletânea de textos de Espinosa<sup>6</sup>, à qual fez várias anotações, parte delas inclu-

---

<sup>2</sup> Por exemplo, Benedito Nunes. *O Dorso do Tigre*, São Paulo, Editora 34, 2009.

<sup>3</sup> Por exemplo, Regina Lúcia Pontieri. *Clarice Lispector. Uma poética do Olhar*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

<sup>4</sup> Curiosamente, é possível estabelecer uma ligação biográfica entre Lispector e Espinosa por meio de Pernambuco e da Holanda seiscentista. Basta lembrarmos que a mesma comunidade judaico-portuguesa que recebera os refugiados pais do filósofo em Amsterdã, comunidade em que Espinosa nasceu, cresceu e foi excomungado (*Hérem* é o termo judaico para a punição), foi também responsável pela construção da mais antiga sinagoga das Américas, esta edificada na cidade de Recife em Pernambuco em 1636, quando a região se encontrava sob domínio holandês, cidade então extremamente próspera e considerada como o lugar de maior liberdade religiosa das Américas. Inclusive o rabino Isaac Aboab da Fonseca que tomou parte no Hérem de Espinosa, escreveu na cidade pernambucana o primeiro poema em hebraico do novo mundo. Justo a Recife onde, muitos anos depois, a recém-chegada imigrante judia Clarice passou desde seus três aos quatorze anos, onde foi naturalizada brasileira e cuja infância e primeira adolescência passou no seio da recente comunidade judaica de imigrantes. Embora não exista uma continuação histórica entre as duas comunidades, pois os holandeses e os primeiros judeus, após um breve período de prosperidade, foram expulsos de Pernambuco pelo católico império português; e somente com a chegada, no início do século XX, dos imigrantes do Leste Europeu (a escritora particularmente provinha da Ucrânia) é que novamente se estabeleceu uma comunidade judaica na cidade. Contudo, há esta continuidade simbólica entre a Recife judaica do século XVII e XX que marca de modo muito intenso a cultura da cidade e que passa pela figura de uma errância judaica, literalmente, bem conhecida pelos Espinosas e Lispectores.

<sup>5</sup> Benjamin Moser. *Clarice, uma biografia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2009.

sive transcritas no romance, sendo prova de que ela cuidadosamente o estudara na época da elaboração de *Perto do Coração Selvagem*. Um romance, lançado quando a autora tinha apenas vinte e dois anos e que tem a função de uma espécie de um “retrato da artista quando jovem”<sup>7</sup>, narrando a própria formação da autora enquanto uma escritora de ficção. Por isso, o livro traz também a sua primeira e significativa concepção dos polos temáticos: deus, culpa, sexo, moral, civilização, animal, feminino, mal, imaginação, solidão, morte e silêncio que serão reiterados, *mutatis mutandis*, por toda sua obra.

Boa parte do livro, desde seu início<sup>8</sup>, narra acerca da incerta possibilidade de se expressar por meio da forma de um corpo não de conceitos e ideias, mas de palavras. Ao mesmo tempo, o livro é ele próprio a própria realização disto que procura narrar. Um romance que em muitos sentidos é sobre e já é a possibilidade de uma escrita literária que de forma bem prolixa beira o inalcançável e informe silêncio. Precisamente, nesta possibilidade e realização prolixa, em oposição ao intelectualismo *espinosista* de Otávio, destaca-se a experiência *espinosana*<sup>9</sup> do “corpo cheio de palavras” de Joana, a qual vem marcar intimamente a própria escrita de Clarice, e não apenas neste romance. O sistema, ou melhor, o dispositivo contra-conceitual de escrita de Clarice é com fortes linhas já esboçado em *Perto do Coração Selvagem*, e nesta curiosa e poética forma o diálogo com o pensamento de Espinosa é fundamental.

Mais ou menos na metade do romance, no capítulo “A Pequena Família”, enquanto Otávio se prepara para começar o trabalho intelectual em seu livro de direito, surge a primeira menção explícita ao nome de Espinosa, quando a personagem tem algumas ideias sobre o artista a partir da ideia de gênio:

---

<sup>6</sup> Arnold Zweig. *Les pagesimortelles de Spinoza*. Paris, Éditions Corrêa, 1940. O exemplar está no Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> A epigrafe do romance que, também, é responsável por seu título: “Ele estava só. Estava abandoando, feliz, perto do selvagem coração da vida” foi extraída do célebre romance *Retrato do artista quando jovem* de James Joyce.

<sup>8</sup> Já no primeiro capítulo do romance é central a passagem em que Joana bem criança brinca de inventar poemas acerca de galinhas, minhocas e o Sol, e quando indagada sobre como se faz um poema, ela responde: “Não é difícil, é só ir dizendo”. (PCS, 14)

<sup>9</sup> Durante o ensaio empregamos o termo “espinosista” em oposição a “espinosano”, o primeiro enquanto o trabalho formal, técnico e superficialmente racional com a filosofia de Espinosa e o segundo como a compreensão e a experiência afetiva adequadas a sua filosofia.

“É necessário certo grau de cegueira para poder enxergar determinadas coisas. É essa talvez a marca do artista. Qualquer homem pode saber mais do que ele e raciocinar com segurança, segundo a verdade. Mas exatamente aquelas coisas escapam à luz acesa. Na escuridão tornam-se fosforescentes”. – Pensou um pouco. Depois, apesar da concessão prolongar-se demais, anotou: “Não é o grau que separa a inteligência do gênio, mas a qualidade. O gênio não é tanto uma questão de poder intelectual, mas da forma por que se apresenta esse poder. Pode-se assim ser facilmente mais inteligente que um gênio. Mas o gênio é ele. Infantil esse ‘o gênio é ele’. Ver em relação a Spinoza, se se pode aplicar a descoberta.” – Era dele mesmo? Toda a ideia que lhe surgia, porque se familiarizava com ela em segundos, vinha com o temor de tê-la roubado.

É curioso como a associação do artista à figura do gênio surge como uma descoberta na cabeça da personagem, a qual ele pretende checar na obra de Espinosa para ver se o autor, exemplo máximo de trabalho intelectual para Otávio, não havia também escrito algo acerca disto. Em seguida, surge a culpa de ter aparecido em sua cabeça uma ideia, que talvez não fosse própria. Esta será uma das características do pensamento de Otávio que, como veremos, produz uma contradição entre a sua atividade espinosista e a obra de Espinosa: Otávio pensa por meio da culpa, justo o sentimento de herança judaico-cristã que a filosofia espinosana busca nos livrar. O interessante na relação entre a personagem e a filosofia de Espinosa vem justamente da particularidade de seu esforço espinosista que, procurando seguir à risca o trabalho do filósofo, leva a afetos e a um modo de vida que se chocam com o que é considerado, majoritariamente por seus estudiosos, uma interpretação adequada da letra de Espinosa.

O interessante a se perguntar neste ponto é: como o dedicado trabalho com uma filosofia pode levar, não por mera ignorância, a um resultado que a contradiz, o qual, ao mesmo tempo, também, é uma interpretação possível da mesma? Todos os comentários explícitos a Espinosa apresentados por Otávio neste capítulo deveriam ou não serem lidos com desconfiança? Por outro lado, o leitor bem familiarizado com a obra de Espinosa, descobrirá, não nas citações explícitas de Otávio no presente capítulo, mas no fluxo de consciência que se espalha por todo o livro, inúmeras passagens que são roubadas de Espinosa, porém sem culpa, mas em uma liberdade fecunda, por meio das divagações, palavras e sensações de Joana.

Como o livro da infância e como o exemplar da *Ética*, às escondidas, encontraremos roubada a filosofia de Espinosa em Joana, não na aspirante a filósofa, mas naquela que possui uma experiência de artista e cuja realização “não é tanto uma questão de poder

intelectivo, mas da forma por que se apresenta esse poder”. Para a inusitada forma dos jogos de palavra e ideias de Joana que tanto desconcertam Otávio, vemos surgir na cabeça do mesmo a noção do artista-gênio, por meio da qual ele, supostamente ao lado de Espinosa<sup>10</sup>, julga que, por meio de um árduo trabalho racional, pode superar a inteligência artística de Joana.

Assim, podendo se considerar mais inteligente que o gênio e portanto intelectualmente superior à Joana, Otávio começa a dedicar-se ao trabalho. A personagem tem como objeto uma reflexão sobre os fins e a imaginação, um tema caro ao autor da *Ética*, porém, para avançar em suas reflexões, ele irá de imediato recorrer criticamente à figura de Joana. Antes de dar a palavra a Otávio, vejamos o que Espinosa diz sobre o assunto: para o filósofo a causa final era não apenas recusada, mas tida como núcleo e origem dos preconceitos que impedem a plena aceitação das demonstrações efetuadas. A visão finalizada da realidade era, segundo o autor, incompatível com sua filosofia e por isso era-lhe forçoso refutá-la impiedosamente. Não bastava reservar para a causa final um espaço limitado à Religião e à Moral. Era preciso bani-la em definitivo<sup>11</sup>.

O que diz o racional trabalho espinosista de Otávio?

“A tragédia moderna é a procura vã de adaptação do homem ao estado de coisas que ele criou.”

Distanciou-se um pouco, olhou o caderno, endireitou o pijama. “De tal modo a imaginação é a base do homem – Joana de novo – que todo o mundo que ele tem construído encontra sua justificativa na beleza da criação e não na sua utilidade, não em ser o resultado de um plano de fins adequados às necessidades. [...]O homem levanta casas para olhar e não para nelas morar. Porque tudo segue o caminho da inspiração. O determinismo não é um determinismo de fins, mas um estreito determinismo de causas. Brincar, inventar, seguir a formiga até seu formigueiro, misturar água com cal para ver o resultado, eis o que se faz quando se é pequeno e quando se é grande. É erro considerar que chegamos a um alto grau de pragmatismo e materialismo. Na verdade o pragmatismo – o plano orien-

---

<sup>10</sup> Temos que a intencional associação de Otávio à Espinosa, ambos supostamente intelectuais mais inteligentes que o gênio, serve como um modo para a personagem se opor à figura do artista que no livro será encarnada por Joana. Além disto, Otávio acredita poder encontrar a noção de gênio em Espinosa, porém ela advém de outro lugar, de séculos mais tarde, do romantismo e do idealismo alemães que muito distam da filosofia seiscentista de Espinosa.

<sup>11</sup> Espinosa não quer apenas denunciar que os homens antropomorfizam a natureza e Deus ao dizer que se guiam por fins. Mais que isso, o autor mostra que o próprio homem não se guia por fins, a não ser enquanto se ilude.

tado para um dado fim real – seria a compreensão, a estabilidade, a felicidade, a maior vitória de adaptação que o homem conseguisse. [...] Confiou em que pudesse imaginar numa vida e encontrar-se noutra, aparte. De fato essa outra continua, mas sua purificação sobre o imaginado age lentamente e um homem só não encontra o pensamento tonto de um lado e a paz da vida verdadeira no outro. Não se pode pensar impunemente.” Joana pensava sem medo e sem castigo. Teria a loucura por fim ou o quê? Não podia adivinhar. Talvez sofrimento apenas<sup>12</sup>.

A despeito de alguns elementos espinosanos, a concepção de Otávio é diversa da de Espinosa. De certo modo, Otávio aceita os resultados da crítica às causas finais, porém em vez de afirmá-las, como Espinosa, como um produto equivocado da imaginação que resulta em superstição e engano, ele faz justo o contrário, opondo a imaginação às causas finais, concluindo que o homem moderno carece das causas finais e, mais ainda, Otávio as eleva a um ideal de perfeição inatingível. Segundo a personagem, o mundo humano é produzido pelas causas eficientes provenientes da imaginação; causas que não se guiam pelo útil, mas pelo belo. Para ele este também vem a ser o caso de Joana, cuja construções e ideias estão mais condizentes com a forma do que com sua finalidade intelectual. Esse determinismo de causas imaginárias é o produtor de caos e sofrimento, o que faz os homens serem nostálgicos do que seria o determinismo de fins, este sim, segundo Otávio, de acordo com nossa natureza e utilidade: *Na verdade o pragmatismo – o plano orientado para um dado fim real – seria a compreensão, a estabilidade, a felicidade, a maior vitória de adaptação que o homem conseguisse.*<sup>13</sup>

No limite, segundo Otávio, há uma contradição entre as necessidades materiais (que são os fins irrealizados) e o impulso do pensamento imaginário, inspirado para o belo inútil. Esta contradição se transforma em dor porque estes mundos se contaminam, porém ela instiga como remédio ao homem sofredor uma lenta busca pela purificação sobre o imaginado: *Confiou em que pudesse imaginar numa vida e encontrar-se noutra, aparte. De fato essa outra continua, mas sua purificação sobre o imaginado age lentamente e um homem sozinho não encontra o pensamento tonto de um lado e a paz da vida verdadeira noutra. Não se pode pensar impunemente*”.<sup>14</sup> Nesse momento, novamente, vem-lhe à mente Joana, que o atrai e incomoda justo porque, na contramão do que ele havia escrito, *Joana*, que muito imaginava, *pensava sem medo e sem castigo*. Neste caso, Otávio pensa praticamente o oposto do que propõe Espinosa. Bastaria a perso-

---

<sup>12</sup> PCS, 121-2.

<sup>13</sup> Id. Ibid., 122.

<sup>14</sup> Id. Ibid., 122.

nagem se lembrar que o homem para Espinosa não deveria livrar-se das imaginações, visto que é, também, uma potência para imaginar. Bastaria que Otávio tivesse lido com atenção o escólio da proposição 17 da Parte II da *Ética* onde, logo após indicar o que seja o erro (de fato, produzido pela imaginação), Espinosa realiza algo raríssimo entre os racionalistas seiscentistas, pois explicitamente defende a positividade da imaginação: *eu gostaria que se notasse que as imaginações da mente, consideradas em si mesmas, nada contêm de erro, ou seja, a Mente não erra pelo fato de imaginar*<sup>15</sup>. Algumas linhas abaixo, prossegue:

Pois se a Mente, quando imagina coisas não existentes como presentes a si, simultaneamente soubesse que tais coisas não existem verdadeiramente, decerto atribuiria esta potência de imaginar à virtude de sua natureza, e não ao vício; sobretudo se esta faculdade de imaginar dependesse de sua só natureza, isto é, se esta faculdade de imaginar da mente fosse livre.

De fato, a virtude e a liberdade da imaginação existem e estas se dão, não em oposição, nem procurando substituir a razão, mas em complementaridade com a razão, pois esta última nos ajuda a saber que quando imaginamos apenas imaginamos. Assim, a filosofia de Espinosa não nos livra da imaginação, não nos castiga por imaginarmos, mas valida o saber imaginário dentro de seus próprios limites, e, mais ainda, para além de validar exemplos hipotéticos, obras de ficção e de arte, ele abriga tais exemplos no interior de sua própria escrita<sup>16</sup>. Portanto em nossa hipótese, como bem sabia Clarice, o pensamento de Espinosa não seria refratário ao pensamento sem culpa, inspirado e imaginativo de Joana.

Otávio segue o trabalho, estudando na certeza de que *muitas respostas encontram-se em afirmações de Spinoza*<sup>17</sup>, as quais ele vai listar, sem muita ordem; algumas das quais nós vamos retomar aos poucos, também sem ordem, não tanto para mostrar como Otávio as per-

---

<sup>15</sup> Baruch de Espinosa. *Ética*, São Paulo, Edusp, 2015, pág. 169 (EII p 17 esc.).

<sup>16</sup> Exemplos deste uso da imaginação, estão por toda obra de Espinosa, com referências literárias ocorrendo no prefácio do *Tratado Teológico Político* e nas partes III, IV e V da *Ética*, bem como em alguns de seus escólios e no Apêndice da Parte I, além de várias cartas, como a Carta 32: *Inventemos, se quiserdes, um vermezinho vivendo no sangue. Suponhamos que seja capaz de distinguir pela vista as partículas do sangue, da linfa, etc., e de observar como cada parte...* E, também, cabe lembrar que o próprio Espinosa escreveu duas peças literárias, a saber, os dois diálogos inseridos na Parte I do *Breve tratado*, o “Diálogo entre Intelecto, Amor, Razão e Concupiscência” e o “Diálogo entre Erasmo e Teófilo”. Lembremos com que beleza dramática Espinosa redige uma fina disputa verbal entre Razão e Concupiscência com o objetivo de esclarecer a um terceiro personagem, o Amor, sobre a infinitude da Natureza.

<sup>17</sup> PCS, 123.



verte em suas curiosas e culpadas conclusões, mas para evidenciar como Joana (ou Clarice) as rouba fecundamente para o interior de sua livre e inspirada imaginação. Quais são as afirmações de (ou inspiradas em) Espinosa listadas por Otávio?

Na ideia por exemplo de que não pode haver pensamento sem extensão (modalidade de Deus) e vice-versa, não está afirmada a mortalidade da alma? É claro: mortalidade como alma distinta e raciocinante, impossibilidade clara da forma pura dos anjos de S. Tomaz. Mortalidade em relação ao humano. Imortalidade pela transformação na natureza. – Dentro do mundo não há lugar para outras criações. Há apenas oportunidade de reintegração e continuação. Tudo o que poderia existir já existe. Nada mais pode ser criado senão revelado. – Se, quanto mais evoluído o homem, mais procura sintetizar, abstrair e estabelecer princípios e leis para sua vida, como poderia Deus – em qualquer acepção, mesmo na do Deus consciente das religiões – não ter leis absolutas pela sua própria perfeição? Um Deus dotado de livre arbítrio é menor que um Deus de uma só lei. Do mesmo modo por que tanto mais verdadeiro é um conceito quanto ele é um só e não precisa transformar-se diante de cada caso particular. A perfeição de Deus prova-se mais na impossibilidade do milagre do que na sua possibilidade. Fazer milagres, para um Deus humanizado das religiões, é ser injusto – milhares de pessoas precisam igualmente e ao mesmo tempo desse milagre – ou reconhecer um erro, corrigindo-o – o que, mais do que uma bondade ou “prova de caráter”, significa ter errado. – Nem o entendimento nem a vontade pertencem à natureza de Deus, diz Spinoza. Isso me faz mais feliz e me deixa mais livre. Porque a ideia da existência de um Deus consciente nos torna horivelmente insatisfeitos<sup>18</sup>.

Cabe notar que tais afirmações listadas estão realmente de acordo com a filosofia de Espinosa e afora a discussão sobre os milagres, que vem do Tratado Teológico-político, as outras afirmações vêm da *Ética*, sobretudo da parte I (*De Deo*) e do início da parte II (*De Mente*). Talvez o Deus de Espinosa, amplamente citado por Otávio em sua lista, seja um dos pontos-chaves para compreendermos a filosofia espinosana atuando nas palavras de Joana e de Clarice. Espinosa pensa Deus como uma substância de infinitos atributos. A substância é aquilo que é em si e concebido por si, que portanto não precisa de nenhuma fonte externa para seu ser e sua inteligibilidade. Deus sendo substância, também vem a ser a causa de si mesmo, existindo necessariamente; e tudo mais que há no universo são seus modos, causados por ele sem se separar dele. Deus não é o criador da natureza, mas é a natureza, cujos indivíduos são imanentes a Deus e não transcendententes, como era na tradição criacionista judaico-cristã. Tudo sem exceção decorre necessariamente da essência de Deus, de modo que nada poderia ser diferente do que é, logo, para Espinosa tudo é necessário. Como

---

<sup>18</sup> Id. Ibid. 123-4.

bem expressou Clarice nas anotações que fez à coletânea de Espinosa: *Chamamos acaso a combinação de causa e efeito que a razão não percebe nem explica. Mas tudo existe necessariamente*<sup>19</sup>. Mais à frente, em trecho incluído na lista de Otávio, a autora anota: *Dentro do mundo não há lugar para outras criações. Há apenas a oportunidade de reintegração e continuação. Tudo o que pode existir, já existe necessariamente*<sup>20</sup>. Este é o verdadeiro sentido do determinismo das causas, para retomar a expressão de Otávio.

Nada mais longe do “Deus humanizado das religiões”, cuja vontade e entendimento eram pensados antropomorficamente. Otávio, no entanto, fora de seu escritório, não parecia ter abandonado o Deus humanizado das religiões:

Novamente, no meio do raciocínio inútil, veio-lhe um cansaço, um sentimento de queda. Orar, orar. Ajoelhar-se diante de Deus e pedir. O quê? A absolvição. Uma palavra tão larga, tão cheia de sentidos. Não era culpado – ou era? De quê? Sabia que sim, porém continuou com o pensamento – não era culpado, mas como gostaria de receber a absolvição. Sobre a testa os dedos largos e gordos de Deus, abençoando-o como um bom pai, um pai feito de terra e de mundo, contendo tudo, tudo, sem deixar de possuir uma partícula sequer que mais tarde pudesse lhe dizer: sim, mas eu não lhe perdoei! Cessaria então aquela acusação muda que todas as coisas aconchegavam contra ele.<sup>21</sup>

Os dedos gordos de Deus, na imaginação de Otávio, eram tão pesados quanto seu medo e sua culpa, embora ele não soubesse bem de quê.

E Joana? Aquela que pensava sem medo e sem castigo? Por que buscaria algum tipo de absolvição de um Deus antropomórfico? A própria visão de Otávio sobre ela, em um pensamento fugidio, pouco antes de se “endireitar para o trabalho”, já a colocava mais perto de Espinosa do que ele jamais estaria: *Joana diria: eu me sinto tão dentro do mundo que me parece não estar pensando, mas usando de uma nova modalidade de respirar*.<sup>22</sup> Enquanto para Otávio o seu trabalho intelectual o separava do mundo<sup>23</sup>, Joana era dentro do mundo e seu pensamento sem

---

<sup>19</sup> Apud Moser. Op. Cit., 346.

<sup>20</sup> Id. Ibid. 346.

<sup>21</sup> PCS, 84.

<sup>22</sup> Id. Ibid. 121.

<sup>23</sup> Otávio – sem perceber que a filosofia espinosana não é uma pausa na vida, mas uma maneira de viver no mundo – gostaria de pensar livremente com Espinosa, sem que fosse obrigado a lidar com o mundo humano que o desagradava tanto: *Não ter que enfrentar o resto. Só pensar, só pensar e ir escrevendo. Que exigissem dele artigos sobre Spinoza, mas que não fosse obrigado a advogar, a olhar e a lidar com aquelas pessoas afrontosamente humanas, desfilando, expondo-se sem vergonha*. (Id. Ibid. 122).

culpa, que tanto incomodava o marido, se confundia com esse “respirar” ontológico que a fazia, tal qual almeja a filosofia de Espinosa, sentir-se parte da natureza, ou seja, parte do Deus-substância, nada antropomorfizado.

No capítulo “A partida dos homens”, depois de abandonar todos os homens de sua vida (o pai morto, o professor, Otávio e um amante anônimo), a própria Joana diz sobre si ter: *uma grande vontade de se dissolver até misturar seus fios com os começos das coisas. Formar uma só substância, rósea e branda – respirando mansamente como um ventre que se ergue e se abaixa, que se ergue e se abaixa... Ou estava errada e aquele sentimento era atual?*<sup>24</sup> Mais uma vez vemos o respirar ontológico da Joana imanente, sentindo-se parte da natureza. Impossível não lembrar de outra anotação de Clarice à coletânea de Espinosa: *Nossa infelicidade vem de que somos incompletas faíscas do fogo divino, como queriam os índios, e perdemos o sentido do todo*<sup>25</sup>.

Voltaremos ainda à concepção do Deus-substância de Espinosa no interior de *Perto do coração selvagem*. Por exemplo, em relação à culpa perante o Deus humanizado, surge no romance o problema acerca do “mal”, um problema também muito caro à filosofia de Espinosa. O segundo capítulo do livro, ‘O dia de Joana’, abre-se com: *A certeza de que dou para o mal, pensava Joana*<sup>26</sup>. Aqui talvez Espinosa possa nos esclarecer. O mesmo apêndice da parte I da *Ética* denuncia o vazio ontológico das ideias vulgares de bem e mal. Neste quadro, bem e mal são *modos de imaginar* em que o ignorante, dominado pelo preconceito finalista, vê bens e males como atributos das próprias coisas, que seriam intrinsecamente sãs ou apodrecidas. Escapa-lhe que isso é mera projeção da imaginação. À primeira vista, Joana, ao devolver bem e mal à realidade, estaria se afastando de Espinosa, mas analisando com cuidado veremos que ela não poderia estar mais distante do preconceito finalista, como mostram as palavras que seguem a frase inicial do capítulo:

O que seria então aquela sensação de força contida, pronta para reventar em violência, aquela sede de empregá-la de olhos fechados, inteira, com a segurança irrefletida de uma fera? Não era no mal apenas que alguém podia respirar sem medo, aceitando o ar e os pulmões? Nem o prazer me daria tanto prazer quanto o mal, pensava ela surpreendida. Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconseqüências, de egoísmo e vitalidade.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Id. Ibid. 189-90.

<sup>25</sup> Apud Moser, 346.

<sup>26</sup> PCS, 18.

<sup>27</sup> Id. Ibid., 18.

Inicialmente podemos, de um modo espinosano, compreender que Joana se vê como dada ao mal no mesmo sentido em que se vê como um animal, isto é, levada pelas determinações naturais à realização de sua vida, e não pela ilusão do livre arbítrio em direção a um bem ou virtude cristãos que transcendem a realidade. Por isso sua “maldade” a integra à Natureza, integração mais uma vez simbolizada pelo respirar animalesco ontológico.

Em segundo lugar, a qualidade animalesca do mal, também, desdobra-se do roubo do livro em sua infância, pois quando a tia rica e carola toma consciência do furto (tia que é mencionada no capítulo, a partir de uma crítica também espinosana, logo após Joana se definir como um perfeito animal), o que mais transtorna a tia é que Joana criança não tem o sentimento cristão de culpa. Pior que o próprio roubo, é o fato dela não se incomodar com o ato de pecar e, como reafirma o tio: “Logo esse pecado, um dos que mais ofendem a Deus...”<sup>28</sup>. A cena de discussão entre os tios é coroada pela exclamação conclusiva da tia de que Joana “É uma víbora.”, ou seja, uma cobra, o animal bíblico que antes e acima de todos incorpora a figura do pecado. “É uma víbora. É uma víbora fria”<sup>29</sup>.” exclamações que Joana, escondida, escuta com a orelha colada à porta ao acompanhar a discussão moralista. Daí decorre a ideia de que Joana dá para o mal enquanto um perfeito animal. Neste ponto Clarice e/ou Joana é extremamente engenhosa e poética, brincando com o “mal” no interior do significante “ani-mal”; e assim, na linguagem, dá-se para aquilo que está no interior da própria palavra, uma relação de continuidade entre palavra e palavra e, simultaneamente, entre a víbora da infância e o perfeito animal da maturidade. A ausência de consciência cristã, ou seja, da culpa cristã é o que torna o humano em animal, um animal distante do Deus das religiões. A ausência da consciência cristã tiraria do humano aquilo que o faz em parte divino, redundando a este o estado de mera carne viva, o corpo em estado selvagem, mas que pode, por fim, “respirar sem medo, aceitando o ar e os pulmões”.

E o que Joana diz da bondade? *A bondade me dá ânsias de vomitar. A bondade era morna e leve, cheirava a carne crua guardada há muito tempo. Sem apodrecer inteiramente apesar de tudo. Refrescavam-na de quando em quando, botavam um pouco de tempero, o suficiente para conservá-la um pedaço de carne morna e quieta*<sup>30</sup>. Espinosa criticara os ignorantes por chamarem de mal, de podre o

---

<sup>28</sup>Id. Ibid. 50-1.

<sup>29</sup>Id. Ibid. 51.

<sup>30</sup> Id. Ibid. 19.

que lhes desagradava, quando na verdade as coisas não eram boas ou más nelas mesmas<sup>31</sup>. Invertendo os sinais de Espinosa, porém, sem lhe ser completamente infiel, para Joana a bondade é a carne sem vida apodrecida, enquanto o mal é carne viva revigorante, é o animal que respira em sua plena potência. Espinosa, na parte IV da *Ética*, recupera as noções de bem e mal, vinculando-as a um conhecimento do que é útil ou nocivo, isto é, daquilo que aumenta ou diminui a potência dos indivíduos em existir, revigorando ou reduzindo a sua autonomia. Com sinais invertidos, vemos mais uma vez Joana furtando, sem culpa, algo deduzido por Espinosa.

Por fim, voltemos à crítica espinosana à tia: outro problema apontado pelo filósofo em relação à “bondade” vem a ser que muitos a praticam não porque esta produz um bem em si, com um ganho de autonomia; mas pelo desejo de agradar aos outros, o que para Espinosa é, logicamente, sinal da perda da autonomia. É exatamente esta diminuição de autonomia o que Joana alega ser aquilo que ainda em certo sentido a impedia de se tornar um animal perfeito e de deixar esse animal solto: “No fundo o animal repugnava-lhe porque ainda havia nela o desejo de agradar e de ser amada por alguém poderoso como a tia morta.<sup>32</sup>”

O perfeito animal, ou seja, o corpo vivo e sem o Deus das religiões é um dos temas frequentes nas reflexões e sensações do fluxo de consciência da protagonista. Lembremos que iniciamos o nosso texto com a referência ao projeto de livro de Otavio, que *No topo do estudo colocaria in litteris Spinoza traduzido: “Os corpos se distinguem uns dos outros em relação ao movimento e ao repouso, à velocidade e à lentidão e não em relação à substância”* Mostrara a frase a Joana. Por quê? Encolheu os ombros, sem procurar mais fundo a explicação. Ela se mostrara curiosa, quisera ler o livro.

A noção espinosana de corpo aticaria a curiosidade de Joana? Embora Clarice, certamente, tenha estudado a argumentação acerca do corpo presente na *Ética*, não será a partir da leitura do livro ou de sua argumentação demonstrativa que Joana expressará a noção de corpo, mas partir de uma experiência intuitiva em sua pré-adolescência.

Para Espinosa, a mente ou alma humana, enquanto um modo de pensar, nada mais é que uma ideia; e o objeto desta ideia é uma coisa singular existente em ato, a saber o

---

<sup>31</sup>Baruch deEspinoza. *Ética*, parte I, apêndice, 119.

<sup>32</sup> PCS, 18-9.

próprio corpo<sup>33</sup>. Uma vez que a mente é ideia do corpo, tudo que ocorre neste corpo é conhecido pela mente, mesmo que de maneira inadequada. Daí que o corolário da proposição XIII da parte II da *Ética* diga *que o homem consta de Mente e Corpo, e que o Corpo humano existe tal como o sentimos*<sup>34</sup>. Não sabemos se Joana já madura acompanhou os passos desta dedução a partir da leitura do livro de Espinosa, porém sabemos que ela, como antes afirmamos, pré-adolescente experimentou sensivelmente esta unidade de corpo e mente. Em outro daqueles momentos de suficiência e alegria, descrito no capítulo “O Banho”, Joana recorda-se:

Naquele dia, na fazenda de titio, quando caí no rio. Antes estava fechada, opaca. Mas, quando me levantei, foi como se tivesse nascido da água. Saí molhada, a roupa colada à pele, os cabelos brilhantes, soltos. Qualquer coisa agitava-se em mim e era certamente meu corpo apenas. Mas num doce milagre tudo se torna transparente e isso era certamente minha alma também. Nesse instante eu estava verdadeiramente no meu interior e havia silêncio. Só que meu silêncio, compreendi, era um pedaço do silêncio do campo. E eu não me sentia desamparada<sup>35</sup>.

O movimento que constituía seu corpo não se separava da transparência que fazia sua alma. A percepção da finitude de seu corpo, pelo menos nesses raros momentos de suficiência, não implicava separação em relação ao mundo, por isso seu silêncio, o sono pacífico do saber e do mistério, era um pedaço do silêncio do campo.

Há diversas passagens de grande importância no fluxo de consciência de Joana que, como antes dissemos, são sem culpa “roubadas” da filosofia de Espinosa”. Elas surgem não a partir de raciocínios dedutivos, mas sempre como repentinas experiências sensíveis, ou melhor, são epifanias, para usar o termo literário mais apropriado. O caso anterior, da unidade entre alma e corpo é um destes.

Outro exemplo muito próximo à letra de Espinosa, vem de uma experiência de Joana ainda menina (no referido capítulo “O Banho”) e que segue o célebre exemplo espinosano da definição genética das figuras geométricas<sup>36</sup>. Espinosa afirma que não conhecemos realmente algo a partir do conjunto de propriedades ou predicados de uma coisa, mas somente quando nos damos conta da sua gênese, ou seja, da causa eficiente que produz tal coisa. O célebre e didático exemplo de Espinosa é a definição genética da figura geométrica

---

<sup>33</sup> Espinosa. *Ética*, parte II, prop. 11 (145) e 13 (149).

<sup>34</sup> Id. Parte II, prop. 13, corolário, 149.

<sup>35</sup> PCS, 70-1

<sup>36</sup> O exemplo está em Espinosa, B. *Tratado da Emenda do Intelecto*, Campinas, Ed. Unicamp, 2015, parágrafo 72, 71.

do círculo, que não deve ser definido por meio de suas propriedades geométricas, como a figura plana que possui infinitos pontos equidistantes de seu centro, mas como a figura resultante do movimento de um segmento de reta do qual uma extremidade é fixa e a outra móvel, operando o movimento giratório em torno de si. Possuindo importantes desdobramento em sua filosofia, a definição genética do círculo e das figuras geométricas é sempre dada pelo uso do movimento.

Vejamos como isto é traduzido em uma epifania de Joana, na experiência de uma alegria intensa autônoma, autossuficiente, de alguém que se percebe produzindo aquilo que Espinosa chamará de conhecimento adequado, no caso, o conhecimento adequado da relação entre movimento e forma:

E talvez meu desejo de outra fonte, essa ânsia que me dá ao rosto um ar de quem caça para se alimentar, talvez essa ânsia seja uma ideia – e nada mais. Porém – os raros instantes que às vezes consigo de suficiência, de vida cega, de alegria tão intensa e tão serena como o canto de um órgão – esses instantes não provam que sou capaz de satisfazer minha busca e que esta é sede de todo o meu ser e não apenas uma ideia? Além do mais, a ideia é a verdade! grito-me. São raros os instantes. Quando ontem, na aula, repentinamente pensei, quase sem antecedentes, quase sem ligação com as coisas: o movimento explica a forma. A clara noção do perfeito, a liberdade súbita que senti...<sup>37</sup>

É curioso notar como Joana menina teria encontrado o contentamento consigo mesmo espinosano ao alcançar intuitivamente a ideia adequada de que o movimento explica a forma. É provável que Clarice Lispector estivesse expressando por meio das experiências e das palavras poéticas de Joana o que a escritora, mais do que entendia, sentia ser a ciência intuitiva de Espinosa.

Lembremos que na *Ética* Espinosa divide os gêneros de conhecimento em três: imaginação, razão e intuição. E para Espinosa será justamente a experiência da intuição que nos permitirá alcançar o contentamento máximo consigo mesmo ao “sentirmos e experimentarmos que somos eternos”. Mas teria Joana alcançado a experiência intuitiva de beatitude de se sentir una à natureza, ou seja, ao Deus-substância de Espinosa?

Voltemo-nos para a passagem já mencionada em que Otávio encontra em meio a *Ética* uma curiosa anotação de Joana acerca de Deus e Bach e para uma segunda passagem, de outro momento do romance, acerca de si e da própria música de Bach:

---

<sup>37</sup> PCS, 70.

Otávio estendeu a mão e tomou-o [o livro *Ética*]. Uma folha de caderno intercalava suas páginas. Olhou-a e descobriu a letra incerta de Joana. Inclinou-se com avidez. “A beleza das palavras: natureza abstrata de Deus. É como ouvir Bach.”<sup>38</sup>

[...] a única verdade é que vivo. Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais. Lembro-me de um estudo cromático de Bach e perco a inteligência. Ele é frio e puro como gelo, no entanto pode-se dormir sobre ele. Perco a consciência, mas não importa, encontro a maior serenidade na alucinação. É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo<sup>39</sup>.

Joana sabe que vive, e nada antecede este sentimento, mas quem é ela, que vive, isto já não sabe dizer. Ou melhor, não pode dizer, sob o risco de congelar o movimento que constitui sua própria individualidade, constituindo a vitalidade de sua própria carne (talvez o movimento que a instigara à noção espinosana de corpo). Esta positividade de uma percepção desprovida de explicação a leva a uma experiência misteriosa. Como dirá Joana mais à frente, no mesmo capítulo, *O mundo rola e em alguma parte há coisas que não conheço. Durmamos sobre Deus e o mistério, nave quieta e frágil flutuando sobre o mar, eis o sono*<sup>40</sup>. Justamente por ser sentida e não racionalizada, a integração à natureza que a permite dormir sobre Deus é acompanhada, não só por uma intensa de alegria, mas por mistério.

A folha de caderno dizia apenas: “*A beleza das palavras: natureza abstrata de Deus. É como ouvir Bach.*” Não devemos entender o Deus “abstrato” no sentido técnico espinosano, ou seja, como desligado das verdadeiras causas, mas apenas como uma contraposição ao “Deus humanizado das religiões”. Sobre este Deus abstrato, Joana tem uma apreciação estética: as palavras são belas, soam como Bach. Não seria difícil aproximar a matemática da geometria demonstrativa da *Ética* à precisa e complexa arquitetura de composição da música de Bach, porém seria este o melhor caminho para aproximá-los à intuição de Joana? Cremos que não: o caminho do árduo trabalho demonstrativo cabe à razão *espinosista* Otávio, mas não à potência imaginativa *espinosana* de Joana, ela própria anuncia a positividade de sua relação não racional com o pensamento geométrico no último capítulo do livro, (des)preparando-nos para o seu fluxo de consciência final: “*No escuro das pupilas, os pensamentos alinhados em forma geométrica, um superpondo-se ao outro como um favo de mel, alguns casulos vazios, sem*

---

<sup>38</sup> Id. Ibid., 124.

<sup>39</sup> Id. Ibid., 21.

<sup>40</sup> Id. Ibid., 22.



*lugar para uma reflexão*<sup>41</sup>.” A sua aproximação – a despeito de engenhosamente próxima à simultaneidade do sistema de demonstração geométrico da *Ética* – acaba por colocar em lugar da razão demonstrativa, mais uma vez a potência poética de uma imagem na qual não há lugar para a reflexão.

Aparentemente tendo deixado de lado a reflexão, o corpo novamente pode nos ajudar a compreender a aproximação entre Deus e Bach. Vejamos uma passagem em que a jovem Joana, que está no interior de uma igreja, fala de música:

E, subitamente, antes que pudesse compreender o que se passava, como um cataclismo, o órgão invisível desabrochou em sons cheios, trêmulos e puros. Sem melodia, quase sem música, quase apenas vibração. As paredes compridas e as altas abóbadas da igreja recebiam as notas e devolviam-nas sonoras, nuas e intensas. Elas traspassavam-me, entrecruzavam-se dentro de mim, enchiam meus nervos de estremecimentos, meu cérebro de sons. Eu não pensava pensamentos, porém música. Insensivelmente, sob o peso do cântico, escorreguei do banco, ajoelhei-me sem rezar, aniquilada. O órgão emudeceu com a mesma subitaneidade com que iniciara, como uma inspiração. Continuei respirando baixinho, o corpo vibrando ainda aos últimos sons que restavam no ar num zumbido quente e translúcido. Era tão perfeito o momento que eu nada temia nem agradecia e não caí na ideia de Deus. Quero morrer agora, gritava alguma coisa dentro de mim liberta, mais do que sofrendo<sup>42</sup>.

Temos uma música de órgão, um dos instrumentos mais caros a Bach, porém diferentemente da complexa arquitetura da composição de sua música, a experiência de Joana remete a uma música sem melodia, quase sem música, apenas vibração. Na passagem antes mencionada, quando ela se referia a Bach, também, não era a sua complexa composição que lhe tomava a atenção, mas uma experiência de perda de inteligência com a música. Agora algo do gênero também ocorre, porém como uma nítida experiência corporal, a vibração pura a atravessa, entrecruza-se dentro dela, enche seus nervos e seu cérebro não mais “pensa pensamentos”, mas está repleto de som. Sob a força desta experiência ela se ajoelha, mas sem rezar. Ela possui grande contentamento físico, sua respiração vibra com o som no ar; uma liberdade que não precisava sentir gratidão ou temor a Deus, sequer precisava da ideia de Deus.

---

<sup>41</sup> Id. Ibid.,197.

<sup>42</sup> Id. Ibid., 71-2.

Podemos dizer que a noção espinosana de corpo – o corpo como “proporção de movimento e repouso” que atráira Joana e que em seu fluxo de consciência a transforma em uma carne cheia de movimento e vitalidade – volta mais uma vez, agora, distanciando-a não apenas da ideia do Deus das religiões, mas da própria racionalidade, a racionalidade utilitária, demonstrativa e supostamente intelectual como presente no árduo trabalho de seu marido. São os fecundos momentos de incompreensão, as intuições dos diversos momentos “brancos” que estão espalhados por todo livro, experiências de contentamento que se fundem à própria respiração, a uma vibração no ar e expressam a potência de corpos livres, existindo em ato junto a demais corpos, sem medo ou culpa. Uma alegria corporal tamanha que se confunde a um desejo de morte de quem pudesse sem sofrimento se diluir naquele instante na própria natureza. Uma intuição desprovida de palavras, expressando a unidade, ou melhor, a diluição entre a individualidade e o Deus-substância infinita. Algo não tão estranho à certas interpretações idealistas da filosofia de Espinosa, a qual, por exemplo, por Hegel foi caracterizada com a volta a um “oceano da indiferença” e como um “eco de um misticismo oriental<sup>43</sup>”.

Porém gostaríamos demonstrar que muito diferente da experiência mística, o sentimento de eternidade espinosana de Joana apenas aparentemente beira o silêncio. No caso de uma interpretação não idealista de Espinosa, podemos dizer que a alegria da experiência intuitiva da beatitude, muito distante de uma experiência mística, o motiva a escrever demonstrativamente de forma prolixa a sua *Ética*; no caso da jovem escritora Clarice, temos que a experiência da eternidade a motiva a prolixamente escrever poeticamente sobre isto que supostamente não cabe em palavras. Porém, almejar, ou beirar o “branco” silêncio se desdobra em sempre continuar pensando e falando, esbarrando com o corpo impróprio das palavras até alcançar a fugidia experiência de singularidade de seu próprio corpo. O corpo singular de uma mulher que, não por acaso, mais uma vez se identifica à potência e à (in)consciência de um animal.

Porém, a não reflexão do animal-Joana não é a regressão a um estado de ignorância ou estupidez. Muito pelo contrário, o corpo animal, como já vimos no caso da malda-de da víbora-Joana, é uma força capaz de se contrapor a ignorância de uma “razão” que se

---

<sup>43</sup> A experiência não racional que conduz ao silêncio e ao misticismo é recorrente em interpretações da obra de Clarice, dentre elas destaca-se o belo trabalho heideggeriano de Benedito Nunes em *O Dorso do Tigre* (Nunes, B. *O Dorso do Tigre*, São Paulo, Editora 34, 2009).

confunde com culpa, moralismos e opressão<sup>44</sup>. De fato, o romance trata da experiência de um corpo assaz selvagem, mas que possui a sua razão, e uma razão em muitos sentidos espinosana. Uma consciência animal que de certo modo é capaz de encarnar alguns conceitos de Espinosa e, por isso mesmo, vem se opor àquela “razão” que se confunde com o árduo trabalho utilitarista do pensamento de Otávio<sup>45</sup>, com o trabalho de uma razão espinosista que segue sem a experiência da vida ético-afetiva espinosana. Temos, sobretudo, o animal como um outro tipo de razão que produz uma engenhosa inversão de termos e valores; e assim como o suposto mal de Joana é liberdade, o seu suposto não pensado é a razão que impulsiona a vida. A consciência do corpo físico, animal, que ela sente não é uma mera experiência vaga, mas tem sentido próprio, impulsionando não apenas a vida, mas a complexidade do próprio pensamento prolixo de Joana que jamais cessa de se expressar por todo o romance.

Um corpo animal que surge no livro como a não separação entre Joana e natureza, o corpo capaz de não mais diluir-se no todo, mas sim, de forma espinosana, reintegrar-se ao todo da natureza. De fato, seguindo a letra de Espinosa, é o corpo material (um modo singular da extensão) em sua unidade com a mente que nos leva à intuição da eternidade, como será demonstrado na proposição 39 parte V da *Ética*, onde lemos que: *Quem tem um Corpo apto a muitíssimas coisas, tem uma Mente cuja maior parte é eterna.*

É neste mergulho na unidade entre Mente (ou alma) e Corpo que brota a questão da imortalidade, ou, como prefere Espinosa, da eternidade. Otávio destacava em sua lista que a inseparabilidade de pensamento e extensão implicava a mortalidade da alma, pelo menos quanto ao humano, o que não impedia a imortalidade pela transformação na natureza.

---

<sup>44</sup> Há uma significativa linha de cientistas e filósofas que reivindicam por uma fecunda aproximação do feminino ao animal para realizar uma crítica da razão instrumental que conduz à condição de opressão às mulheres, propondo uma nova epistemologia e ética feministas. Nesta linha de pensamento, destacam-se, dentre outras, obras como *When Species Meet* (University of Minnesota Press, 2008) de Donna Haraway e *The Sexual Politics of Meat* (The Continuum International Publishing, 1990) de Carol Adams.

<sup>45</sup> No fluxo de consciência que encerra o livro, Joana identifica o Deus antropomorfizado das religiões ao conhecimento utilitário que não dá conta dos “movimentos constantes do fundo do seu ser” a procura da liberdade, mas somente dá conta quando “tudo for sólido e completo”. Na passagem, alega que somente aceitaria ser recolhida por Deus, algo que ela rechaça veementemente “quando dentro de mim só houver conhecimentos que se usaram e se usam e por meio deles de novo se recebem e se dão coisas, oh Deus”. (PCS, 200.)

Poderíamos aproximar esta “transformação na natureza” daquilo que Joana sentia no seu respirar ontológico, mas então restaria perguntar se aí Joana também sentia a imortalidade.

Cumpramos notar que Espinosa entendia por eternidade a própria essência de Deus enquanto envolve existência. O grande desafio da parte V da *Ética* é demonstrar como nós, seres finitos, podemos tomar parte nesta eternidade. Para Espinosa há uma distinção precisa entre eternidade e imortalidade, sendo esta última, por sua vez, apenas a percepção imaginativa e inadequada da eternidade<sup>46</sup>. Não parece haver, no livro de Clarice, tal distinção, daí que os termos sejam usados indiferentemente. Inclusive Joana algumas vezes se afasta de Espinosa ao tentar definir a eternidade. Porém reencontra a eternidade pelo caminho intuitivo e corporal em que, à sua maneira, comunica-se com o filósofo.

Vejamus outro tema clássico da *Ética*, desta vez não listado por Otávio, mas de significativa importância para nossa aproximação entre Joana e a eternidade espinosana: trata-se da teoria do *conatus*, do esforço ou da força de perseverar no ser. Este esforço será a própria essência das coisas singulares, persistindo indefinidamente, a não ser que alguma causa externa a destrua. Esta duração indefinida do *conatus* não se confunde com a eternidade, mas tem um laço necessário com ela. Segundo o escólio da proposição 29 da parte V da *Ética*, as coisas são ditas existentes de duas maneiras: ou enquanto duram e podem relacionar-se com um tempo e um lugar certos, ou enquanto as concebemos contidas nos atributos divinos, quando então envolvem a essência eterna e infinita de Deus. De acordo com o escólio da proposição 45 da parte II da *Ética*, a força que faz cada indivíduo perseverar no existir funda-se na própria eternidade de sua essência enquanto contida em Deus. Se o *conatus* não é eterno, pelo menos sua fonte o é, donde sua indestrutibilidade intrínseca. A morte só virá devido ao embate com outros indivíduos que lhe serão contrários.

Voltemos a *Perto do Coração Selvagem*, mais uma vez no capítulo “A partida dos homens”. Longe de todos, Joana contempla a possibilidade de reunir-se a si mesma, fundir-se de novo no mar da totalidade, através da morte. No entanto, subitamente percebe que a grade do portão que lhe abriria o caminho para a morte era feita de homens. E ela era mulher. Este contraste devolveu-lhe o sentido da sua singularidade, e com ele, poderíamos dizer espinosanamente, o apelo do seu esforço de perseverar. A súbita repulsa à morte leva Joana

---

<sup>46</sup> No entanto, vale notar que no *Breve Tratado*, no capítulo XXIII, Espinosa fala de imortalidade. Baruch de Espinosa. *Breve Tratado*. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

a refletir sobre algo que vimos Espinosa deduzir: a morte vem de fora, uma essência é pura afirmação de vida.

Não morrer. Porque... na verdade onde estava a morte dentro dela? – indagou-se devagar, com astúcia. Dilatou os olhos, ainda não acreditando na pergunta tão nova e cheia de deslumbramento que se permitira inventar. Caminhou até o espelho, olhou-se – ainda viva! O pescoço claro nascendo dos ombros delicados, ainda viva! – procurando-se. Não, ouça! Ouça! Não existia o começo da morte dentro de si! E como atravessasse o próprio corpo violentamente, em busca, sentiu levantar-se de seu interior uma aragem de saúde, todo ele abrindo-se para respirar...<sup>47</sup>

Ao perceber que não havia começo interno para a morte, Joana não deixa de desejar a integração com a natureza. Ao contrário, este sentimento da vida pulsante desperta novamente o respirar selvagem ontológico, agora nitidamente vindo de seu interior. Se sua vida vinha de dentro, então ela não podia acabar. A partir do esforço de perseverar, Joana encontra, para sua própria surpresa, a eternidade: *Já sem se prender a raciocínios, pareceu-lhe tão ilógico morrer, que se deteve agora estupefata, cheia de terror. Eterna?*<sup>48</sup>

Espinosa é, de fato, um filósofo racionalista e sua *Ética* é precisamente demonstrada em ordem geométrica, porém, como vimos, ele é um dos raríssimos filósofos seiscenistas que concebe a positividade da imaginação e, sem dúvida, a utiliza no interior do próprio livro; e algo do gênero também pode ser dito em relação à experiência intuitiva. A experiência de ter a certeza de algo, ainda que não se recorra às noções comuns da razão para se chegar a esta certeza. E justamente por ser uma experiência, a intuição de certo modo se aproxima da experiência imaginária, na medida em que, para Espinosa, ambas lidam com singularidades, a imaginação com uma experiência vaga de singularidades, e a intuição com a experiência intelectual de essências singulares. Neste sentido, podemos dizer que com Espinosa não precisamos negar a experiência das intuições de Joana e ou Clarice. O próprio filósofo chega mesmo a escrever (para o fascínio e o incansável debate entre seus comentadores) no escólio da proposição XXIII da parte V da *Ética*: *Contudo, não pode ocorrer que recordemos ter existido antes do Corpo, visto que não podem dar-se no corpo vestígios disso, nem pode a eternidade ser definida pelo tempo, nem ter relação com o tempo. Entretanto sentimos e experimentamos que somos eternos*<sup>49</sup>. E podemos aqui, também, imaginar Espinosa sentindo e experimentando um momento de

---

<sup>47</sup> PCS, 191.

<sup>48</sup> Id. Ibid., 191.

<sup>49</sup> Baruch de Espinosa. *Ética*, São Paulo, Edusp, 2015, 553-5.

branco silêncio, para em seguida de maneira prolixa pensar e demonstrar o que havia experimentado.

É sabido que Clarice Lispector estudara a obra de Espinosa em um período concomitante à escrita de *Perto do coração selvagem*. O nosso ensaio procurou mostrar que em meio ao fluxo de consciência de Joana, o romance apresenta a interpretação muito pessoal de Clarice Lispector de certos conceitos do filósofo. Durante o livro, há diversos momentos em que Joana ou Clarice de maneira fecunda roubam sem culpa conceitos de Espinosa; escolhamos apenas alguns destes, dando atenção especial à sua adequação à filosofia de Espinosa e também à sua função na estruturação da trama do romance.

Sem nos alongarmos, como mais uma última evidência da experiência de eternidade mediada pelos pensamentos, linguagem e sensações de Joana, terminamos o nosso ensaio com uma citação do parágrafo que fecha o livro, uma passagem que ao seu modo rapidamente condensa e coloca em movimento boa parte do que apresentamos ser a relação entre Joana e Espinosa: a) a transição do Deus das religiões para uma substância; b) a respiração ontológica; c) a alegria (i)racional de sentir pensamentos por meio do corpo; d) a liberdade de corpo e mente desprovidos de medo e culpa; e) o lugar da fala, corpo e mente femininos; f) a experiência de uma reintegração com a natureza enquanto produção contínua e movimento; g) a corporalidade animal pulsando vida. Lembremos, por fim, que em sua intuição espinosana Joana nunca esteve longe de si para estar perto de todas as coisas, nunca esteve longe de seu próprio coração para sempre e eternamente selvagem:

O que nela se elevava não era a coragem, ela era substância apenas, menos do que humana, como poderia ser herói e desejar vencer as coisas? Não era mulher, ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-a sempre em transição. Talvez tivesse alguma vez modificado com sua força selvagem o ar ao seu redor e ninguém nunca o perceberia, talvez tivesse inventado com sua respiração uma nova matéria e não o sabia, apenas sentia o que jamais sua pequena cabeça de mulher poderia compreender. Tropas de quentes pensamentos brotavam e alastravam-se pelo seu corpo assustado e o que neles valia é que encobriam um impulso vital, o que neles valia é que no instante mesmo de seu nascimento havia a substância cega e verdadeira criando-se, erguendo-se, salientando como uma bolha de ar a superfície da água, quase rompendo-a... Ela notou que ainda não adormecera, pensou que ainda haveria de estar em fogo aberto. Que terminaria uma vez a longa gestação da infância e de sua dolorosa imaturidade rebentaria seu próprio ser, enfim, enfim livre! Não, não, nenhum Deus, quero estar só. [...] porque então viverei, só então viverei maior do que da infância, se-

rei brutal e malfeita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como cavalo novo<sup>50</sup>.

## **Bibliografia**

- Cândido, A. “No raiar de Clarice”, em *Vários escritos*, São Paulo, Duas cidades, 1997, 125-131.
- Chauí, M. ‘A dignidade do feminino’ em *Gilda. A paixão pela forma* (org. Micelli, S. e Mattos, F.) Rio de Janeiro, Ouro Azul, 2007.
- . *A nervura do real II*. São Paulo, Cia. das letras, 2016.
- Espinosa, B. *Ética*, São Paulo, Edusp, 2015.
- . *Tratado da Emenda do Intelecto*, Campinas, Ed. Unicamp, 2015.
- Hansen, J. A. ‘Uma Estrela de mil pontas’ em *Revista Língua & Literatura*, São Paulo, v. 17, 107-122, dec. 1989.
- Lispector, C. *Perto do coração selvagem*, Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- Moser, B. *Clarice, uma biografia*. São Paulo, Cosac&Naify, 2009.
- Nunes, B. *O Dorso do Tigre*, São Paulo, Editora 34, 2009.
- Pontieri, R.L. *Clarice Lispector. Uma poética do olhar*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.
- Rosenbaum, Y. *Metamorfoses do Mal. Uma leitura de Clarice Lispector*, São Paulo, Edusp, 2006.
- Zweig, A. *Les pages immortelles de Spinoza*. Paris, Éditions Corrêa, 1940.

## **Luís César Guimarães Oliva**

Professor de História da Filosofia Moderna na Universidade de São Paulo. Autor de *As Marcas do Sacrifício: um estudo sobre a possibilidade da História em Pascal* (Ed. Humanitas), *A existência e a morte* (Ed. Martins Fontes), *Existência e Eternidade em Leibniz e Espinosa* (Ed. Discurso). Desde 1997 é membro do Grupo de Estudos Espinosanos da USP.

lcoliva@uol.com.br

## **Henrique Piccinato Xavier**

---

<sup>50</sup> PCS, pág. 201-2.

Curador de arte; prof. visitante nas pós-graduações da Escola de Comunicação e Arte (USP) e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (UNESPAR); pesquisador do Nexos (UFABC), membro do Grupo de Estudos Espinosanos (USP).

henrique.xavier0@gmail.com